CONSTELAR QUADRIMENSIONAL

TERRA UNA

Uma ecovila é um espaço de experimentações. Um centro de vivências para um pensamento sobre novas formas de assentamentos humanos, novas práticas de sociabilidade, e mais que diversidade, verdadeira hibridização cultural. A tal sustentabilidade parece ser a resposta para os problemas da humanidade e o seu desenvolvimento, mas uma ecovila, lugar central para o pensamento e a vivência da sustentabilidade, é muito mais um lugar de perguntas que de respostas. A cada construção, plantação, colheita, conflito, criação, relação surgem inúmeras possibilidades de resolução dos problemas, algumas mais ecológicas, outras cheias de criatividade, outras mais eficientes e algumas de pouca utilidade. No entanto, é nesse lugar da dúvida que se abre um espaço para uma nova conversa, uma brecha nas velhas certezas cristalizadas. Criar esse espaço mais maleável, no qual é possível ter novas ideias, ou ainda redescobrir antigas práticas esquecidas, é de fundamental importância para o tal desenvolvimento sustentável. Assim penso que sustentabilidade é dúvida e isso a coloca bem próxima de algumas questões ligadas a arte.

Nesta residência de 2012 recebemos em Terra UNA alguns artistas para pensar a relação entre cidade e campo, o urbano e o rural. Todos vieram a Terra UNA a partir de grandes cidades. Rio de Janeiro, Porto Alegre, Fortaleza, Santiago, Valparaiso, Quebec, Haifa, Florença. Todos trabalharam aqui com suas distintas poéticas, mas o que mais me impressionou é como os aparatos tecnológicos estão presentes entre nós, como o registro (fotográfico, sonoro, visual) é a primeira ponte de contato, quase anterior aos pés na grama. Ícaro recolheu pedaços de civilização encontrados em caminhos abandonados, filmou o pequeno Lucas na também abandonada cidadela de Augusto Pestana. Florência encontrou cada um na intimidade, conversas com gosto de mate argentino, uma terapia corporal na maca e depois uma conversa sobre esta experiência corporal, tudo mediado pela presença de uma câmera de vídeo. Luis Guzman avançou em sua pesquisa sobre Bioética, na relação com a Bioarte, entrevistou todos os artistas também em vídeo. Fernando Godoy estava sempre caminhando com sua parafernália de áudio. Fez um áudio mapa da região. O mapa físico foi desenhado por Allison Moore, que realizou um meticuloso trabalho de animação stopmotion com materiais naturais e a ajuda da presença corporal de Aline Bernardi, influenciada no corpo pelos poemas de Manuel de Barros. David e Chiara realizaram alguns vídeos às escondidas, apresentaram ao final um caminho por quatro pontos de Terra UNA num convite para relacionar objetos e espaços naturais destes lugares com os movimentos do corpo. Julia Coelho segue sua pesquisa sobre o papel da produção na arte contemporânea, também entrevistou os artistas em vídeo e preparou um longo artigo.

Nesta relação entre cidade e campo não sinto que a paisagem seja o que mais nos afete. A selva urbana tem muitas semelhanças com a selva rural. Muitas camadas em sobreposição, muitas espécies convivendo no mesmo espaço, muitos sons, aromas e cores. No entanto, o que me parece ser o ponto de maior contraste é a maneira como nos relacionamos com esse ambiente. Há, no campo, outro tempo a ser explorado, mais conectado às sensações biológicas e ao ritmo da luz natural do sol, do que ao tempo do relógio e das estruturas tecnológicas eletrônicas, das quais não conseguimos nos afastar. A forte presença do aparato tecnológico transforma o tempo nas grandes cidades, acelera as percepções ao mesmo tempo que cria uma cortina de fumaça que impede um olhar mais detido e profundo sobre o entorno. A mata, o morro, a terra, o rio, parecem dar uma dimensão que estanca o tempo. Tudo é um pouco paralisado e o tempo se faz notar em grandes ciclos como dia e noite, chuva-sol-chuva, uma estação inteira e as mudanças na paisagem ao longo do ciclo completo da Terra ao redor do sol. Um olhar vagaroso, mas que nos fornece o tempo necessário para um mergulho mais profundo.

Neste mergulho, por um momento, o campo parece um espaço virgem, intocado, idílico, mas não é bem assim. Quando a arte se instala com suas questões, esgarçando as questões do entorno, vemos que o campo é um espaço vivo, pulsante, também em eterna transformação e culturalmente muito enraizado e povoado. Claro, tudo que vemos é cultura. A fala, nossas roupas, costumes, arquitetura, arte. Mas talvez seja a arte este espaço que promova mais dúvidas que certezas, tornando-a uma parte da cultura que pode ser transformada, por todos, constantemente. A arte também está cheia de verdades cristalizadas, alguns estranhos dogmas, mas ao mesmo tempo se mantém viva num eterno movimento de transformação, aglutinação, hibridização, separação. Um caminho não linear, mas sim constelar, que une muitos pontos estelares dispersos por um espaço quadridimensional onde o que mais importa não é a origem ou o destino final, mas sim o caminho, o processo e o amor que há entre as estrelas.

INTERACCIONES URBANO_RURAL

COLOMBIA - BRASIL - ARGENTINA - CHILE 2012

REFRESHED LANGUAGES en un ambiente rural, encuentro sutil e intenso entre LO QUE TOCAMOS y LO QUE NOS TOCA, uno de los tres títulos posibles de un proceso, de un recorte en tiempo/espacio.

Recorridos de AUDIOMAPA, recorridos sobre un AUDIOMAPA, viajes de frecuencias, experiencias sinestésicas como un ATELIÊ AO AR LIVRE donde la MATÉRIA y AGENCIAMENTOS EM ARTE CONTEMPORÂNEA se estrellan con LA OBRA DE ARTE EN LA ERA DE SU REPRODUTIBILIDAD BIOTECNOLÓGICA.

Camino, preguntas y certezas momentáneas, desembocan en destinos infinitos.

patria? O SOY COLOMBIANO? En que coordenadas? una brújula, bordes métricos sobre un papel, EL MAPA NO ES UN TERRITORIO. Buceo en la memoria algo que responda, pasado y futuro dibujan presente. REPHRASING MEMORY, REFRESHED LANGUAGES.

Una salida, un aterrizaje en DIAGONAL DO ACASO sorprende en EXPERIMENTACIONES EN LA TIERRA. ESCAVAÇÕES en el cuerpo? ESCAVAÇÕES en otros cuerpos? ESCAVAÇÕES?

Un recuerdo CENTENAR de LA VIRGEN DE LAS PANELAS, una santa antropofágica que no salva nada transporta a un espacio FUERA DE CAMPO, una LIGAÇÃO EXREMA ou CORRENTE, a la deriva.

DOS o MÁS MASAS DE AIRE DE DIFERENTES TEMPERATURAS

CENTRO RURAL DE ARTE

28 de enero del 2012, salimos en auto a buscar el lugar. Llegada a Achupallas "pueblo de amigos", treinta y algo grados de calor. ¿Dónde dormir? El motor home de uno de los habitantes que está estacionado frente a su casa o el galpón de la ex estación de ferrocarril. Ahí se pusieron las carpas. Estar, observar, imaginar, proyectar, conversar. Evaluar alternativas de infraestructura para albergar INTERACCIONES URBANO_RURAL en un pueblo de un centenar de casas y una ex estación de ferrocarril con una biblioteca abandonada y un destacamento policial.

2 de abril, lanzamiento de la convocatoria y presentación del proyecto a la Municipalidad. CENTRO RURAL DE ARTE autorizado a reciclar la ex estación en espacio de residencia. Muchos trayectos Buenos Aires-Achupallas y Achupallas-Buenos Aires. Legal, fiquei super contente em saber que o projetofoiselecionado. preciso de umasinformações de voces. Skype confirmado, 10 am de Chile - 11 am de Argentina. Te contamos un poco la dinámica de la residencia y vos sobre tu proyecto y necesidades.

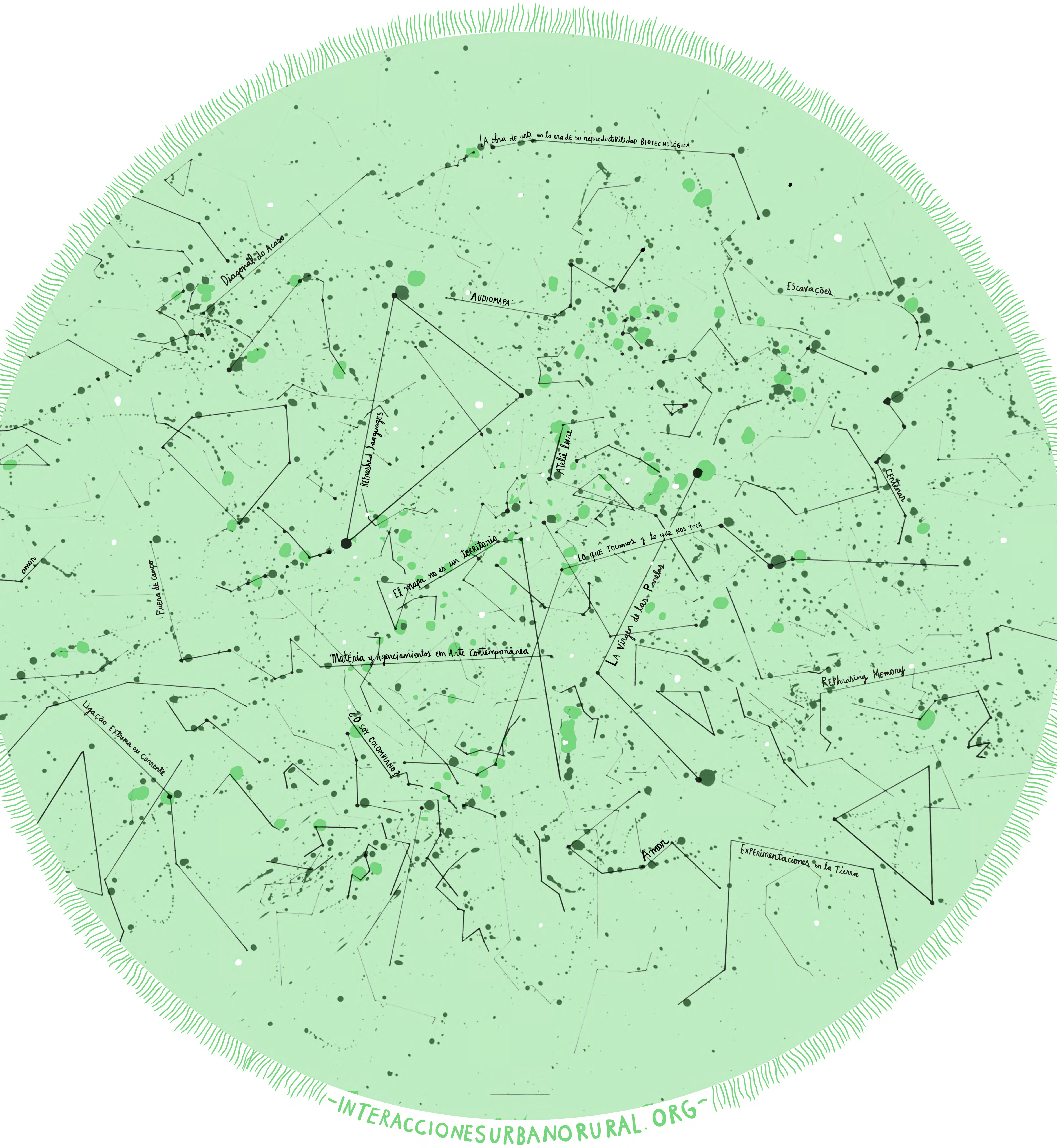
1 de agosto, primera etapa de residencia en Colombia. Nuevamente a la ruta y con materiales de limpieza. Lluvias torrenciales e intentos de sacar la humedad de las paredes. Gente que nos ayuda a reconstruir la historia de las cosas abandonadas dentro de la estación. Reencuentro de cosas con sus dueños. Armado de cajas. Muchas. Aproximadamente unas 150. Carros de basura. Salió el sol. Destapar los desagües del techo a punto de transformarse en techo verde. ¿Hay algún carpintero en Achupallas que pueda arreglar ventanas y puertas? ¿Cuántos artistas vienen? Luis, Gonzalo y Carolina: adjuntamos un doc. con info de contexto de los 3 espacios. ¿De qué países? ¿En qué fecha llegan? ¿Quién puede hacer los arreglos de electricidad? Faltan 9 vidrios. ¿Hay internet en Achupallas? Lo de plomería es fácil, toda la conexión va por fuera y colocamos un termo eléctrico. Pero ¿qué es exactamente lo que van a hacer? Vuelta a Buenos Aires.

Septiembre, tiempo inestable. Amigos, colegas, habitantes, familiares, pinzas, tornillos, cables, maderas, martillos, trapos, baldes, hidrolavadora, removedor para pisos, cinta métrica, enceradora, aspiradora. 21 de septiembre, día de la primavera e inauguración de "lo de Pepe", una pizzería frente a la estación. Leche, huevos, budines y tortas compramos en Achupallas; verduras y carne en Gobernador Ugarte (pueblo a 5km de Achupallas) y frutas en Chivilcoy.

5 de octubre, Festival de Danza de Buenos Aires. ¿Y cómo es que INTERACCIONES URBANO_ RURAL se integra a la programación en un festival de danza en la ciudad? ¿Qué otras líneas se abren con esta parada? ¿Cómo rizoma la investigación? María José Trucco, Elina Rodríguez, Florencia Martínez, Alina Folini y Bernardo Stumpf, comparten las investigaciones que se desarrollan en residencia.

6 de octubre y con el auto bien cargado, rumbo a Achupallas. Ultimar detalles, armado de floreros. Todo listo. Desde, Temuco, Río de Janeiro, Rotterdam y Buenos Aires directo al Boliche de Hugo. Noche del 7 de octubre, encuentro de todos entre unas cervezas. Dormir. Recorrido por el predio ferroviario. Construcción de carteles para la fachada de la estación. Charla con los habitantes para compartir la propuesta entre mates, portugués, inglés y español. ¿Querés hacer ladrillos?! Fabricación de 100 ladrillos. Presentación de recorridos de los artistas. Reflexiones sobre procesos. ¿Cómo intensificar intercambios entre proyectos y habitantes? ¿Cuáles pueden ser estos modos? ¿Alguien traduce? 16 km de caminata sobre las antiguas vías. Río Salado y 4 puentes. Partidos de futbol en la calle, en la plaza. Todo un día de construcción de máscaras para un baile. ¿Te quedás a comer? Gente que llega a la estación desde otras ciudades para conocer el proyecto. Lluvia. Dibujos que intervienen paredes. Tríos de colaboración fotográfica. Música. Bailar. Desayunar. Correr y recorrer. Una genealogía superpuesta en el territorio. Visitar. ¿Qué deseas para Achupallas? Objetos encontrados, coleccionados y ubicados. Compartir lecturas, videos. Sol y calor. Un cordero al asador para 20 comensales. ¿Qué cosas pueden ser un libro? Una interacción entre 2 niños, la historia del ferrocarril, encuadernación, geografía, inglés y Sarojini.

¿Es posible compartir todo esto con personas que no fueron parte del proceso? ¿Qué asuntos atraviesa un proceso de creación en un espacio rural? FIESTA DE INTERACCIONES. Celebrar un acontecimiento. 21 de octubre. Sol. Los primeros en llegar, los padres de Mara. Más familiares, amigos y vecinos. Almuerzo. ¿Es posible compartir todo esto con personas que no fueron parte del proceso? Una tormenta asoma en la línea recta del horizonte. Un fenómeno caracterizado por la coexistencia próxima de dos o más masas de aire de diferentes temperaturas atraviesa la fiesta. El contraste, asociado a los efectos físicos implicados, desemboca en cierta inestabilidad que desnuda percepciones y construcciones.



UN VIAJE ADENTRO DEL CAMPO Y AFUERA DE LA CIUDAD

RESIDENCIA EN LA TIERRA

por Carolina Ibarra

Existe un tramo de carretera sin nombre, sin clima, y sin tiempo, que traza el recorrido que va desde la ciudad al campo, y en donde el movimiento de los árboles, las casas, y los animales, se van revelando de forma paralela a las preguntas colectivas que irán irrumpiendo en nuestra pequeña comunidad nómade, afectiva y política. En medio de la exhuberancia, descubriremos los procesos colectivos y personales que develarán ésta información oculta, la que pasa entre las palmeras y los cafetales, las vacas y el barro, las preguntas que suceden en el camino urbano - rural.

Éste traslado fue el eje del proyecto que nos llevó a mí y a otras cuatro personas, de diferentes nacionalidades y disciplinas creativas, a convivir durante quince días en Residencia en la Tierra, en medio de la zona rural del eje cafetero colombiano. Las comidas deliciosas y el paisaje vibrante, de enredaderas que suben y plantas que crecen, animales que aparecen y pájaros que se esconden, son nuestro escenario de trabajo para distintos proyectos, algunos ya vislumbrados y otros reactualizados por los nuevos descubrimientos geográficos y humanos. *Alina Follini* (Argentina), trabajó la subjetividad del cuerpo en el espacio público de Montenegro, teniendo que sortear las vacas en la carretera alguna vez, *Hans Bryssinck* (Bruselas) utilizando la performance como herramienta, se cubrió de achiote y trabajó en las cosechas de la región para hablar de los problemas de lo exótico y lo extranjero, *Laura Barrientos*, (Colombia), elaboró una "virgen de la panela" , con éste producto derivado de la caña de azúcar, para evidenciar ciertos aspectos de la compleja cultura popular colombiana. *Juliana Borzino* (Brasil) construyó una cartografía íntima con pequeños cuadernos, fruto del encuentro afectivo y/o físico, que tuvo con diferentes espacios y personas, yo, *Carolina Ibarra* (Chile) , realicé dibujos que descubrieron especies ficticias vegetales o animales, e investigué sobre la tierra como material con las posibilidades locales de sistemas constructivos en la comunidad de Montenegro. Además de nosotros, participantes de la convocatoria Urbano-Rural, estaban en residencia de forma paralela los artistas *Juan der Harabedian* (Argentina), *Lina Caro* (Bogotá), y *Raphaelle Ayach*, (Francia) con quienes dialogamos y enriquecimos nuestros procesos.

Todos unidos en un bloque ruidoso arriba de la van blanca, el coche que maneja el tatuado *Pete Mardy* (Inglaterra) y su proyección en miniatura Charly – *el más adorado perro chihuahua de los alrededores*- que será mucho más pequeño que los conejos gigantes y más callado que la garza cocli que canta con estruendo la llegada de la tarde. Como artistas provenientes de territorios urbanos, llegamos con nuestro bagaje para abrir muchas preguntas, y un poco como extranjeros de éste espacio. ¿Qué es aquello que pasa en el campo, (que nos afecta tanto como artistas, así como ciudadanos) sobre el dinero, el tiempo, la relación con la materia y el paisaje? ¿ Cómo dialogar con el entorno sin forzarlo, o caer en antiguos paternalismos o idealismos? ¿ Cómo dar cuenta de esos procesos sin implantar un proyecto de obra que funcionaría igualmente en otro espacio?

El traslado al campo como proyecto colectivo nos permitió desarrollar un proceso artístico de contexto, es decir, trabajar con el entorno de manera crítica, sin ser completamente críticos, completamente ecológicos, o completamente activistas, contribuyendo, a hacernos preguntas y a trazar caminos más que a declarar verdades y establecer jerarquías. Ésta nueva era de trabajo colectivo latinoamericano que tiene tanto de estrategia como de corazón y que recién comienza, da cuenta de las nuevas relaciones de colaboración y cooperación que surgen también como una cierta búsqueda de justicia sobre las arcaicas relaciones de abuso económico que ha marcado nuestro siglo.

Rodeados del apoyo y la libertad que nos dio el *equipo de Residencia en la Tierra*, comenzamos un descubrimiento estético, personal y colectivo, que sigue su proceso, avanzando como lo hicimos nosotros en esa carretera de tierra que descubría el paisaje lenta y elegantemente.

EQUIPO EDITORIAL PORTÁTIL EN VALPARAISO:

Soledad León
Pablo Saavedra
Javiera Marin
Domingos Guimaraens
Elina Rodríguez
Elena Landínez
Valentin Nycz
Luis Guzmán
Gonzalo Cueto

Residencia en La Tierra
Elena Landínez
Fátima Vélez
Daniel Santiago Salguero
Pedro Nicolás Villegas

CENTRO RURAL DE ARTE
Pablo Ramos
Luciano Bianchi
Elina Rodríguez
María José Trucco

Terra UNA
Nadam Guerra
Domingos Guimaraens
Beatriz Lemos

CRAC
Paulina Varas
Jose Llano
Marisel Aguilera
Valentin Nycz
Soledad León

ESTACIÓN PUERTO

PIA MICHELLE y CRAC

INTERACCIONES URBANO_RURAL arribó a Valparaíso un domingo de sol, entre verduras, pescados y un trozo de mar, con pretensiones de conocerse unos a otros en torno a esta clasificación invisible y *ridícula* de los *rurales y los urbanos*. Las comidas y las bebidas constituyeron el nudo interactivo, un encuentro de dialectos forasteros y amigables, tempranas narraciones de lejanas experiencias orgánicas pero en ningún caso extrañas.

La oficina de **CRAC** se encuentra en el quinto piso del edificio de la primera y más antigua Bolsa de comercio de Chile. Es aquí donde se instaló tanto la "comunidad momentánea urbano-rural" como las primeras sesiones de trabajo, lugar en que los gestos, los modos, las voces y los acentos, comienzan a hacerse familiares, donde convivirán mas mapas y diagramas que integrantes, lugar en que las imágenes y los relatos nos reubican geográficamente primero en el "verde y cafetero corazón colombiano", luego en el "valle tropical de las aguas" y finalmente en "la infinita y húmeda llanura pampeana", haciendo uso fundamental del intercambio verbal; críticas discusiones de las estructuras viciadas del campo social y artístico, las problemáticas comunes, los abandonos…

Pia Michelle -junto y luego de una invitación hecha por **CRAC**- se involucran, como agentes locales, en la última estación de **INTERACCIONES URBANO_RURAL** a modo de interlocutores, oyentes y partícipes de lo que serían una serie de acontecimientos de reciprocidad. Generando espacios de socialización de los modos y las prácticas humanas, se constituyó una atmósfera promotora de nuevos acontecimientos e insospechables experiencias, permitiendo concebir constelaciones tanto lejanas como próximas entre los espacios comunes, donde la ***producción de procesos*** se reafirma como un hilo clave y conductor, haciendo presente un tiempo no normado por las horas y los días, uno que depende tanto de las condiciones contextuales como de las prácticas, uno que aquí en la urbe, al interior de una oficina, lucha desesperado.

En esta última estación debelamos lo poroso e impreciso de nuestras determinaciones ¿es preciso visitar el territorio rural o es necesario estar en la urbe, para crear interacciones (humanas) urbano-rurales?

Desde esta *comunidad momentánea*, desde Valparaíso -gracias al andar cotidiano entre altivas e imponentes edificaciones, apreciando la transición de las luces fluorescentes a otras mas bien incandescentes en ese barrio puerto estigmatizado, desmantelado pero histórico, desde una ciudad tal vez más voluble y mixta que otras- logramos reconocer un modelo, que rigidiza nuestros procesos y abandona otros, un sistema de productos y validaciones mercantiles que no enriquecen ni promueven espacios de activación y relación, ni rehabilitan lo despojado; un modelo que desmantela pueblos y barrios, que cercena identidades, relaciones y recursos, estableciendo gigantescas redes de olvido… el ferrocarril.

Claramente el hacer residencias rurales busca desligarse de muchas de las lógicas presentes en la urbe, pero son también búsqueda de otros lenguajes que pueden irrumpir e inaugurar nuevos espacios de relación, en el centro, en el campo, en la selva, en el cerro, aquí en la *comunidad momentánea porteña*, o en un *planeta planta*, habilitando un espacio donde los procesos son tales y las cosas suceden sin una sistematización previa.